

ENTREVISTA COM PESQUISADOR
PROFESSOR DOUTOR NELSON VENTURINI
MEMBRO COMITÊ EXTERNO DO PIBIC/UFAM

Resumo do Curriculum vitae: O Professor Nelson Venturi possui graduação: Engenharia Florestal - Universidade Federal do Paraná – Curitiba – PR em 1965, mestrado em Silvicultura pelo Centro Agronômico Tropical de Ensino e Pesquisa (CATIE), Turrialba, Costa Rica em 1971 e doutorado em nutrição de plantas pela Universidade de São Paulo na ESALQ, Piracicaba, SP em 1978. Ingressou na antiga ESAL em 1967 como professor de Silvicultura, no curso de Agronomia. Chefe do Departamento de Agricultura da ESAL por dois mandatos. Primeiro Coordenador do curso de Engenharia Florestal de 1980 a 1993. Primeiro Chefe do Departamento de Ciências Florestais por dois mandatos de 1984 a 1987 e 1988 a 1991. Primeiro Coordenador do Programa de pós-graduação em Engenharia Florestal da UFLA de 1992 a 1993. Primeiro Editor Chefe da Revista “CERNE” de 1994 a 1999. Atualmente é bolsista em Produtividade de Pesquisa nível 1 do CNPq junto ao Departamento de Ciências Florestais da UFLA. Foi por duas vezes membro do Comitê Assessor do CNPq na área de Recursos Florestais de 1989 a 1992 e de 2000 a 2003. Foi membro da Câmara de Assessoramento em Ciências Agrárias da FAPEMIG de 1992 a 1994. Tem sido membro de vários comitês multidisciplinares do Ministério de Ciências e Tecnologia, do CNPq e da FINEP para julgamento e acompanhamento de projetos do PPG7 destinados a financiamento de pesquisa na Amazônia. - É Professor Emérito da Universidade Federal de Lavras.



PERGUNTAS:

1. Baseado em sua experiência como membro externo de Comitê PIBIC, qual a importância desse programa para a formação de novas gerações de pesquisadores na Amazônia?

A Iniciação científica (IC) é um processo de crescimento, mudança e aprendizado do estudante de graduação com reflexos positivos na sua formação científica e profissional. A IC na UFAM se caracteriza por princípios rígidos e eficientes que tem conduzido os estudantes a um amadurecimento acadêmico e os levados a galgar patamares mais elevados na pirâmide do conhecimento científico. Ao longo de sua estadia no programa de IC da UFAM o bolsista é treinado em metodologia científica, em desenvolvimento de análises, em julgamento crítico e no incentivo à criatividade e à inovação. Portanto, o estudante bolsista se habilita a concorrer aos programas de pós-graduação da própria UFAM e das demais Instituições de Ensino do País. A partir deste treinamento de Pós-graduação o bolsista apodera-se do conhecimento

básico para se tornar um pesquisador de nova geração para a Amazônia.

2. Em quais aspectos o (a) senhor(a) considera que o bolsista de PIBIC do Amazonas se diferencia do bolsista de outras regiões?

O Brasil é muito grande para se verificar, de forma contundente, as diferenças entre os bolsistas do PIBIC do Amazonas com outras regiões do País. Contudo acredito que uma característica marcante do bolsista Amazônico seja a disciplina acadêmica. Esta característica talvez seja devido à metodologia de acompanhamento dos gestores da IC na UFAM com cobrança de relatórios periódicos, apresentação de seminários e de resultados parciais. Por outro lado, o bolsista da UFAM em muitas áreas não possui ainda, a infraestrutura moderna que os estudantes de outras regiões dispõem para desenvolver suas pesquisas. Estando por isso em desvantagem no processo de formação científica.



3. No Comitê que o senhor(a) participa(ou) os projetos de pesquisas dos alunos de PIBIC representam os temas mais relevantes para o desenvolvimento da Amazônia?

Participo no Comitê de Ciências Agrárias. È um comitê muito abrangente que engloba os temas de Pesca e Piscicultura, Manejo de florestas e Silvicultura, Zootecnia (Avicultura, Suinocultura, Equideocultura, Bovinocultura, ovinocultura) Agronomia (Solos, Fruticultura, Manejo de plantas invasoras, culturas diversas), Engenharia Agrícola, dentre outras atividades. Todas estas atividades representam temas importantes para o desenvolvimento da Amazônia. Mas grande parte dos projetos apresentados é da Engenharia de Pesca que realmente é muito relevante para a economia da Amazônia

4. O que representa(ou) para Vossa Senhoria a sua atuação em um Comitê de PIBIC na Amazônia?

Representou uma realização profissional. Tenho a felicidade de participar do Comitê de Ciências Agrárias da UFAM por mais de vinte anos, ininterruptamente. Naquela oportunidade inicial poucos docentes das Ciências Agrárias possuíam treinamento ao nível de mestrado e muito menos ao nível de doutorado. Com raras exceções, a orientação era pobre, os projetos mal elaborados,

com objetivos vagos, metodologia inadequada e resultados sofríveis. Estar hoje saboreando o progresso e o avanço científico dos docentes e dos alunos bolsistas é muito prazeroso. Agradeço a oportunidade de ter sido um pouco útil ao processo de Iniciação Científica da UFAM.

5. Que conselhos o(a) senhor(a) daria a um jovem que deseja seguir a carreira de pesquisador na Amazônia?

O jovem tem obrigatoriamente de ser estudioso, dedicado, fascinado pela pesquisa, irrequieto, comunicativo, determinado. O pesquisador não é uma profissional que almeja lucro. A pesquisa é uma atividade que gera satisfação, alegria, realizações. A Amazônia é um mundo ainda desconhecido. Embrenhar por este caminho obscuro é uma aventura muito rica que poderá gerar enormes benefícios para a humanidade. Feliz é aquele que tem a oportunidade e a coragem de enfrentar os desafios da pesquisa na Amazônia. Jovens Amazônicos, jovens brasileiros sejam destemidos, resolutos, determinados. Sigam os exemplos de Vicente Pinzón que pela primeira vez em 1500, navegou pelo Rio Amazonas. Ou seja como Francisco Orellana que em 1942 percorreu 6.000 km do Rio Amazonas para atingir o Oceano Atlântico. Não percam a oportunidade de serem felizes e de prestarem benefícios à humanidade.